



## ENSINO DE HISTÓRIA E NOÇÕES TEMPORAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Tamyres Maria Roque da Silva Cavalcante de Barros**

E-mail: mariatamyresroque@gmail.com

### RESUMO

Este artigo, baseado em um relato de experiência, objetiva compartilhar as vivências advindas de um projeto aplicado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no ano de 2016 em uma turma de educação infantil da rede municipal de ensino de Garanhuns - PE. Através de intervenções didáticas, em parceria com a professora regente da turma sob orientação da docente titular da disciplina de metodologia do ensino de história da UAG (hoje UFAPE), propusemos a ação pedagógica com o intuito de auxiliar as crianças na compreensão das relações temporais presentes em seu cotidiano. A pesquisa baseia-se no conceito de experiência do filósofo alemão Walter Benjamin, do tipo participante, de abordagem qualitativa, sendo a sequência didática aplicada entre os meses de maio a dezembro de 2016. Ao final das atividades, pudemos afirmar que existem formas de trabalhar sob a perspectiva do tempo com as crianças da educação infantil, utilizando alternativas diferenciadas de trabalho e sobretudo com uma metodologia planejada.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Noções Temporais. Experiência.

### ABSTRACT

This article, based on an experience report, aims to share the experiences resulting from a project applied within the scope of the Institutional Program for Teaching Initiation

Scholarships (PIBID) in 2016 in a kindergarten class from the municipal school system in Garanhuns- PE. Through didactic interventions, in partnership with the teacher in charge of the class under the guidance of the head professor of the discipline of History Teaching Methodology at UAG (nowadays UFAPE), we proposed the pedagogical action in order to help children understand the temporal relationships present in their daily lives. The research is based on the concept of experience of the German philosopher Walter Benjamin, of the participant type, with a qualitative approach, and with a didactic sequence applied between May and December 2016. At the end of the activities, we were able to affirm that there are ways to work from the perspective of time with children in kindergarten, using different types of work alternatives and, above all, with a planned methodology.

**Keywords:** History Teaching. Sense of Time. Experience.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 O Tempo, a Experiência e as Infâncias

Embora culturalmente tenhamos definido diversas maneiras de medi-lo e administrá-lo, cada um de nós possui uma experiência única com o Tempo. As discussões sobre o Tempo que empreendemos neste trabalho buscou compreendê-lo a partir de referenciais que o concebem como uma elaboração realizada pelo sujeito, portanto uma elaboração subjetiva. Santo Agostinho (1987) em sua obra intitulada Livro XI das Confissões empreende uma análise filosófica conhecida sobre o Tempo como próprio das impressões do sujeito. O homem enquanto indivíduo é o ponto de convergência de toda a doutrina Agostiniana, e para ele o Tempo em si mesmo é somente tempo presente, enquanto que o passado só existe na memória e o futuro na espera, conceituando o Tempo como uma criação humana. Para uma maior compreensão do mesmo seria correto então dizer que os tempos são três: o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes e o presente dos fatos futuros, e estes três Tempos estão na mente e não os veríamos em outro lugar.

Para o filósofo Nobeit Elias (1998), o tempo não existe em si mesmo, ele é antes de tudo um símbolo social, resultado de um longo processo de aprendizagem. Tempo, na perspectiva de Elias, é uma rede fundamental de configuração de relações sociais desenvolvida

pelas civilizações. Bondioli (2004) considera o tempo como uma categoria cognoscitiva socialmente construída, envolvendo tanto a subjetividade individual como o conjunto dos significados culturais e sociais. Assim, entendemos que o Tempo é uma criação histórica humana que varia de acordo com as culturas, de modo que cada cultura possui uma apreensão diferente acerca do Tempo.

As discussões que envolvem esse tema precisam ser compreendidas, aprofundadas e trabalhadas intencionalmente pelos educadores das infâncias para pensarmos como as relações temporais constroem as formas com as quais as crianças relacionam-se com o mundo e compreendem a dinâmica de suas atividades, da passagem de tempo e seus marcos, visto que cada momento do desenvolvimento cognitivo durante as infâncias em uma dada cultura gera uma relação diferente com o Tempo.

Walter Benjamin (1994), filósofo alemão, tinha como conceito central de sua filosofia a experiência, e a narrativa como expressão desta. Para ele, esta seria a forma de comunicação mais adequada ao ser humano, já que reflete a experiência humana. Para Benjamin, na narrativa, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”. Desta forma a história se tece à medida que é contada e carrega consigo a sabedoria de um saber que perpassa o Tempo, por isso é importante para os educadores das infâncias a clareza de que o Tempo não é uma categoria única, mas que também se constitui em uma experiência pessoal e passível de ser aprendida socialmente através de elementos da cultura na qual estamos inseridos.

Uma sensação de tempo acelerado é vivenciada em todas as nossas atividades cotidianas, e não poderia deixar de ser nas experiências profissionais. Com o exercício da docência na etapa de ensino da Educação Infantil através do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, programa do Ministério da Educação que oferece bolsas aos alunos de cursos de licenciatura na modalidade presencial que se dediquem ao desenvolvimento de projetos didáticos nas escolas públicas com o objetivo de antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Ao desenvolver o referido projeto no âmbito deste programa pude perceber que a convivência diária com as crianças potencializa ainda mais essa sensação de tempo veloz. As crianças

crecem rápido, em todos os aspectos. Tornam-se autônomas em seus afazeres diários. Questionam sobre as mais variadas situações. E na convivência com múltiplas e diferentes relações sociais, em lugares diversos, elas interagem com mensagens orais, escritas e visuais que mobilizam diferentes saberes e aprendizagens.

Para a escola convergem todas as energias, falas, sorrisos, perguntas, expectativas e neste lugar, a multiplicidade das experiências se encontram, se relacionam. O período de desenvolvimento do projeto de intervenção intitulado “Crianças relacionando-se com a perspectiva do tempo na Educação Infantil” durante os meses de maio a dezembro do ano de 2016 numa turma de Infantil II B na Escola IBN, da rede municipal de educação de Garanhuns-PE, foi a ocasião onde oportunizamos experiências didáticas para a construção da percepção temporal e da compreensão que em tudo existe uma relação temporal e um laço indissociável com o passado; que este não está “morto”, visto que é parte constitutiva de todo ser humano, a começar pela história de cada um e suas relações sociais e com o meio onde vivem. Na educação infantil, estamos diante de crianças em processos contínuos de descobertas do mundo ao seu redor. As relações consigo mesmas, com os outros, com os espaços e objetos da natureza tornam-se fundamentais na sua constituição como ser social. Dessa forma, pretende-se que a ação pedagógica sistemática auxilie na construção de suas identidades, individual e social, ajudando-as a se perceber em experiência no e com o mundo. A partir do projeto e da vivência compartilhada com a docente em campo acerca do resultado alcançado, decidi pesquisar mais sobre os processos que envolvem a aprendizagem histórica com as crianças.

Dessa forma, a intervenção realizada durante o projeto buscou operacionalizar, através da proposição de sequências didáticas, como se dá o processo de construção da percepção temporal pelas crianças da educação infantil, observando: a) como as situações didáticas promovidas pelo professor contribuem para a construção da percepção temporal pelas crianças; e também b) como a dinâmica social e a cultura atual na qual a criança encontra-se inserida são trabalhadas pela escola, dialogando com o conceito de experiência do filósofo alemão Walter Benjamin (1994). A modalidade de pesquisa empreendida foi do tipo participante, apoiado no paradigma qualitativo, utilizando como estratégia analítica dimensões do conceito de experiência de Walter Benjamin.

## 2 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa realizada é a de campo, do tipo participante, de abordagem qualitativa (Gil, 2008; Severino, 2007). Caracteriza-se como pesquisa de campo, pois foram realizadas coletas de dados junto as pessoas e visitas ao ambiente pesquisado. Ela é do tipo participante, pois para realizar a observação dos fenômenos, a pesquisadora compartilhou a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. De abordagem qualitativa pois faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. Utiliza métodos que evidenciam a importância da interpretação do objeto de análise, a ser realizada pelo pesquisador, que interage com os estudos emitindo opiniões sobre o fenômeno a ser analisado. A estratégia de análise dos dados baseou-se no conceito de experiência desenvolvido pelo filósofo Walter Benjamin.

Situa-se na área da Educação Infantil, como também na área do Ensino de História, campo de investigação que visa compreender o que vem sendo e o que pode ser o ensino de História para a etapa de escolarização básica no Brasil com vistas a defender o valor da aprendizagem histórica como área que auxilia na construção do hábito de “pensar historicamente”, ou como diz Freitas (2010) a habilidade de relacionar passado, presente e futuro com vistas à orientação da vida prática, como também auxiliar o aluno na construção de uma consciência histórica, de identidades e letramentos.

O projeto de intervenção didática que originou este relato foi realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, um programa financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC) que visa fomentar a iniciação à docência de estudantes dos cursos de licenciatura das Instituições de Educação Superior e contribuir para a formação continuada dos professores da educação básica. Foi encaminhada mediante coordenação do programa à Escola Municipal Instituto Bíblico do Norte – IBN para realizar as observações de campo, e em seguida se deu a elaboração de um projeto de intervenção sob orientação da docente das disciplinas de prática de ensino e metodologia da História da Unidade Acadêmica de Garanhuns - UAG (ainda não éramos UFAPE quando participei do projeto, em 2016). A escolha da turma onde foi realizado o

projeto, Infantil II B, se deu por critérios de escolha da professora preceptora do PIBID na escola, do mesmo modo as questões éticas da pesquisa realizada no âmbito do programa, estava autorizada a coletar os dados necessários a condução do projeto com vistas a utilização dos resultados apenas para fins de divulgação nos eventos acadêmicos.

A sequência didática foi aplicada durante os meses de maio a dezembro de 2016, em dois encontros semanais de duas horas aproximadamente cada um. As hipóteses elaboradas antes e durante a aplicação da sequência no decorrer do projeto foram refutadas ou confirmadas a partir dos dados empíricos. A inserção na realidade vivida pelo grupo escolhido para a pesquisa considerando o recorte temático (uma turma da educação infantil- idade entre 4 e 5 anos) de modo ativo e participante durante a vigência do programa do qual resultou este relato de experiências, permitiu-me enquanto pesquisadora, compreender, através das vivências em sala de aula, como as situações didáticas promovidas pelos professores, suas convicções e relacionamento próprio com o tempo contribuem para a construção da percepção temporal pelas crianças, uma vez que na educação infantil não trabalha-se com disciplinas, mas com experiências e vivências integradas. A interação com o grupo pesquisado permitiu também o entendimento da maneira que a escola (instituição social aqui representada através da turma participante do estudo e a respectiva prática docente da profissional regente das crianças) trabalha com as questões relativas às culturas atuais inseridos nesta recente dinâmica social.

## 2.1 Procedimentos Metodológicos

- Fevereiro - Março de 2016: Diagnose em campo para reconhecimento das práticas didáticas na educação infantil, estabelecimento das parcerias entre a docente que leciona na turma (Infantil II B- tarde) e demais profissionais que compõem a escola campo da pesquisa (durante 12 aulas);
- Abril de 2016: Elaboração da proposta de projeto de intervenção com sequência didática sob orientação da docente orientadora da universidade;
- Maio - Dezembro de 2016: Aplicação das sequências bimestrais durante o período de regência concernente ao PIBID (em dois encontros semanais de duas horas aproximadamente cada um);

- Agosto - Dezembro de 2018: Apropriação da literatura pertinente aos campos da Educação Infantil e da História, mais especificamente o entendimento do que é lecionar na Educação Infantil e sobretudo a Didática da História;
- Agosto - Dezembro de 2019: Levantamento das pesquisas que trabalham com construção de conceitos estruturantes da aprendizagem histórica nos primeiros anos de escolarização, tais como: Tempo, sujeito histórico, memória, relações sociais e História;
- Dezembro de 2020 - Maio de 2021: Reflexão em torno das ideias do filósofo alemão Walter Benjamin (1994), mais especificamente no que tange aos conceitos de experiência e narração, bem como a reflexão em torno da teoria do marxismo cultural, dando encaminhamento epistemológico a investigação realizada.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1 Tecendo a Aprendizagem sobre Temporalidades

Na etapa de ensino da educação infantil é necessária a compreensão das crianças sobre o mundo social que as cercam, tendo como objeto de estudo as relações entre os seres humanos e destes com a natureza, que é a constituição do ser humano como um ser social. Dessa forma espera-se que a ação pedagógica auxilie na construção da identidade individual e social da criança, ajudando-a a se enxergar como um ser social e histórico, que experiencia o mundo em um tempo e um espaço determinados. O Tempo, tal qual o experienciamos, se apresenta tão veloz e têm influenciado consideravelmente a dinâmica das relações sociais contemporâneas, como o fato de as brincadeiras infantis terem se modificado, as configurações familiares também, as crianças que parecem crescer mais rápido... Tempo em que os ritmos de vida são outros e que tudo acontece de forma muito acelerada.

De acordo com as atividades realizadas em sala pode perceber que as crianças utilizam recursos subjetivos para definir o tempo cronológico. Para elas, a hora é determinada por um fazer obrigatório, é a hora do lanche, é a hora da história, é a hora do recreio, é a hora de ir pra casa...

O problema adquire um sentido importante quando as crianças buscam soluções e discutem-nas com as outras crianças. Não se trata de situações que permitam “aplicar” o que já se sabe, mas sim daquelas que possibilitam produzir novos conhecimentos a partir dos que já se tem e em interação com novos desafios. Neste processo, o professor deve reconhecer as diferentes soluções, socializando os resultados encontrados. (BRASIL, 1998, p. 33).

Por isso é essencial à elaboração de propostas didáticas que propiciem o entendimento sobre algumas relações temporais, como a ordem e a sucessão; relações entre presente, passado e futuro; simultaneidade e duração, cuja aprendizagem inclui o diálogo com as experiências cotidianas das crianças.

Trabalhar a compreensão de tempo com as crianças não é tarefa fácil, porém existem formas de se demonstrar os diferentes tempos, as épocas antigas, buscando alternativas diferenciadas de trabalho, para que as crianças percebam e entendam como as pessoas lidam com os fatos que aconteceram na vida de seus antepassados, como estes fizeram as marcações dos mesmos, que importância deram a eles, e etc. Procuramos explorar todos estes aspectos das noções temporais com a proposição da sequência didática abaixo descrita:

<b>Sequência didática proposta</b>
Histórias infantis sobre o tema: <i>De hora em hora</i> da Ruth Rocha, que fala sobre o que se pode fazer em cada hora. <i>Gato Xadrez no jardim do relógio</i> da Bia Villela, que trata de um jardim onde tudo tem seu horário. O bichinho experimenta a relação com o tempo e descobre que ter hora para tudo não é algo ruim. Pelo contrário, organizando melhor seu tempo, o Gato Xadrez consegue preencher todo o seu dia com suas atividades e brincadeiras;
Construção de uma linha do tempo sequenciando momentos do dia e da noite e o que fazem em cada um deles, através de ilustrações;
Fazer uma comparação deles quando bebês e atualmente, percebendo a passagem do tempo em suas vidas, a partir de seus objetos;
Construção de um trenzinho com vagões marcando os dias da semana, colocar um boneco para marcar o dia, dando ideia de movimento.
Leitura do poema “O Relógio” de Vinícius de Moraes. Refletir acerca da passagem do tempo durante o dia, e a função do relógio para guiar nossas atividades. Colorir uma ilustração proposta sobre o tema. Produto da ação didática proposta: relógios pirulitos.



Exibição do vídeo “Castelo Rá Tim Bum” musicalizando o poema “O Relógio”. Explorar e trabalhar a canção.
Construção de um relógio do tempo ilustrado com personagens (figuras) em variadas idades. Refletir sobre a passagem do tempo em nossas vidas.
Leitura da história “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” de autoria do Mem Fox e da Julie Vivas. Roda de conversa sobre “O que é memória?”. Através de alguns brinquedos e objetos contidos na sala, narrar e criar histórias. Conversar com as crianças sobre quem era esse menino, o que ele fazia, se elas também conviviam com tantos vovôs e vovós como o garoto da história, que lugar era aquele onde viviam os idosos, se eles conheciam alguém que morava num local igual aquele.
“Caixa da memória”: Levar para a sala uma caixa grande toda enfeitada, e pedir para que cada criança leve para a aula um brinquedo ou objeto de que goste muito, e pedir para que o guarde na caixa. A seguir, com a turma em círculo, solicitar que cada criança conte para os demais a história do brinquedo tirado da caixa. Questioná-los se os objetos levados pelos colegas também podiam fazê-los se lembrarem de algo... de modo a trabalharmos semelhanças e diferenças. O objeto pode ser o mesmo, mas pode fazê-los lembrar de coisas diferentes. A caixa ficou na sala, onde marcamos outro dia para que as crianças levassem para a aula outros objetos para contar novas lembranças. o objetivo foi levá-los a entender como nos fazemos por muitas histórias, e à medida que os relatos foram ocorrendo houve uma organização temporal, vendo se uma história era mais recente ou mais antiga que a outra, se tinham ocorrido mais próximo ou mais distante deles, de modo a situar o que eles foram rememorando no tempo, num mês ou em um dia da semana.
Leitura da história “O Museu da Emília” de Monteiro Lobato. Trabalhar na linguagem teatral através do fantoche.
Roda de conversa sobre “O que é um museu” e “pra que serve um museu”.
Construção de um fantoche de TNT com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, seguida da montagem de uma pequena peça teatral com os personagens construídos em fantoches sobre a história do Museu da Emília.

Com o intuito de alcançar o proposto no projeto, foram planejadas para as intervenções com as crianças atividades com o objetivo de auxiliá-las na compreensão das relações temporais

presentes em seu cotidiano, como o antes e o depois, hoje, ontem e amanhã, o quanto duram certos acontecimentos. Trabalhamos com um álbum de fotografias onde as crianças observaram e questionaram sobre o que faz um bebê, o que faziam quando eram bebês, e deixam de fazer à medida que vão crescendo e se modificam totalmente quando se tornam adolescentes e também adultos. Uma observação importante e bem explorada pelas crianças foi sobre a sabedoria e o carinho dos avós, ao dizerem que sempre brincavam, conversavam e passavam um tempo com eles, e que era muito bom ter avós.

Ainda através deste álbum de fotografias pudemos estabelecer comparações entre quando eram bebês e atualmente, percebendo a passagem do tempo em suas vidas. Um outro procedimento utilizado foi a medição da passagem do tempo com o uso do relógio, regulando a hora de acordarmos, de irmos à escola, de lancharmos, de recrearmos, de irmos pra casa, de dormirmos... Eles reconheceram que tinham um aparelho destes em casa, nas suas mais variadas formas: na parede, no pulso, nos eletrodomésticos. Como ilustração desta atividade finalizamos com a pintura e confecção de um relógio de pulso de cartolina para cada aluno que participou desta atividade.

Como o trabalho sob a perspectiva do tempo pressupõe a percepção do aluno como sujeito, único e carregado de valores e subjetividades, como já pontuado mais acima, foi trabalhada um pouco a questão da identidade e valorização da autoestima de cada um. Levei para sala uma “caixa surpresa”, toda enfeitada externamente de modo que chamasse a atenção deles assim que a vissem, e internamente um espelho. A brincadeira consistia em cada um ver o conteúdo daquela caixa surpresa individualmente sem contar para o coleguinha o que havia visto, tinham que guardar segredo até todos terem visto o conteúdo da caixa. E assim se seguiu a cada um que curioso via o que tinha dentro da tal “caixa surpresa”: de imediato se via o rostinho de alegria, ao perceberem que o que tinha de mais valioso e precioso dentro daquele presente eram eles. Ao finalizar, foi pedido que cada um desenhasse o que viu dentro da caixa. E resultaram em belíssimos desenhos retratando como eles eram e estavam naquele momento, cor do cabelo, as roupas que vestiam e o que gostavam de fazer...

Esta etapa do projeto foi importante para trabalharmos mais adiante com os conceitos de temporalidade, o quanto duram certos acontecimentos, ou o quanto de tempo levam para chegar ou passar. A seguir trabalhei o livro “Gato Xadrez no Jardim do Relógio” de autoria da

Bia Villela. A História trata de um jardim onde tudo tem o seu horário e o gato experimenta a relação com o tempo e descobre que ter hora para tudo não é de todo ruim. Pelo contrário, organizando melhor o seu tempo, o Gato Xadrez consegue organizar todo o seu dia e não deixar de cumprir com as suas atividades e realizar suas brincadeiras favoritas.

Seguindo nossa sequência, nesta etapa do projeto as atividades realizadas contemplaram a sequência de ações realizadas durante o dia, bem como a percepção deles sobre tarefas que realizamos na parte da manhã, na parte da tarde e na parte da noite em forma de linha do tempo através de ilustrações. Assim, foi proposta a construção de uma “linha do tempo” onde os alunos puderam sequenciar acontecimentos em sua ordem, trabalhando as noções de dia e noite.

O trabalho com histórias infantis também se fez presente nesta etapa do projeto, e a escolhida foi a “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” de autoria do Men Fox, que conta em sua narrativa a história de um menino que morava ao lado de um abrigo de idosos e ia todo dia lá conversar com os seus amigos... nas várias conversas que eles travaram, uma girava em torno da memória. O que nos faz lembrar ou esquecer? E a partir deste mote iniciamos uma roda de conversa sobre o que é memória, e aprendemos que os brinquedos (objetos de grande valor nesta fase da vida deles) carregam em si grandes histórias e falam muito de nós.

Desta forma foi solicitado a cada um que levasse para aula um brinquedo do qual gostasse muito, e contasse para as professoras e os colegas a história daquele brinquedo e o porquê de ele ser tão especial. O resultado foi uma tarde de compartilhamento de experiências que só nos mostram que as crianças devem sim ter contato o mais cedo possível com atividades que as estimulem a pensar sobre si mesmas e explorem as suas opiniões, desenvolvendo mesmo que de modo ainda embrionário a linguagem própria do pensamento da História.

O projeto nos mostrou que a escola pode ser compreendida como um espaço de produção, reprodução, análise e confronto de narrativas sobre o passado. A escola configura-se historicamente como a principal agência de letramento, sendo este entendido como as interações sociais nas quais o texto escrito em suas mais variadas formas e formatos (documentos e produção de sentidos) integra e constitui as participações dos sujeitos em seus processos interpretativos. Nesta perspectiva, a sala de aula é um evento de letramento.

Com relação ao ensino de história, é possível entender o letramento como conceito que vai além da competência leitora e compreensão linguística, mas como algo que envereda pelo campo do desenvolvimento de habilidades específicas à disciplina. Neste caso, o desenvolvimento do sentido de temporalidade está interrelacionado a outras duas dimensões da aprendizagem histórica: experiência e interpretação).

A orientação temporal de cada um de nós exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global): competências avançadas para saber “ler” o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas no passado. Se considerarmos que a aprendizagem é contextualizada socialmente, as experiências, o enfoque e os métodos de ensinar afetam necessariamente o nível de pensamento histórico.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir deste relato de experiência pudemos reforçar a proposição de que o Tempo é uma construção social e cultural que varia de acordo com a temporalidade e o espaço, e que no ensino de história o Tempo tem uma função social de inserir na vida dos alunos marcadores temporais e culturais para auxiliá-los a dialogar com culturas diferentes. Os resultados desta intervenção apontaram que o entendimento sobre a temporalidade histórica estaria em fase inicial de sua construção, e que se faz necessário um trabalho pedagógico intencional nessa etapa para se promover atividades que possam desenvolver e vivenciar reflexões sobre a temporalidade. Consideramos ser a etapa de educação infantil o tempo propício para o início da construção das noções básicas necessárias a aprendizagem da História.

O ensino de História nas séries iniciais da escolarização básica ocupa normalmente um papel secundário entre os demais eixos curriculares ofertados na grade curricular. É muito comum encontrarmos professores que admitem ter dificuldades em ensinar História porque acham difícil entender a progressão dos conceitos que são objeto de estudo da História. Contudo, a partir da participação ativa das crianças em todas as etapas do projeto pudemos atestar que a aprendizagem histórica não se dá apenas no ambiente circunscrito da escola, mas sobretudo no convívio com a família e a comunidade, em contato com os meios de comunicação e com as narrativas presentes em seu cotidiano. porém, é no ambiente escolar que a criança

começa a lidar de modo sistematizado com a linguagem do Tempo, a se familiarizar com os medidores temporais, de modo a situar-se temporalmente no mundo social do qual faz parte.

É sabido que as aprendizagens acerca das temporalidades envolvem um certo grau de complexidade, por isso que, ao se referirem ao tempo, muitas vezes as crianças mobilizam episódios mais imediatos de suas experiências, fazendo com que o tempo se justaponha com os elementos já conhecidos de suas rotinas, o que representaria o início do percurso do entendimento das relações temporais. A partir da rotina, que organiza as vivências e os fazeres das crianças nessa etapa da escolarização básica, é possível trabalhar as noções de anterioridade e posterioridade, de sequenciação dos acontecimentos, e posteriormente de percepção do tempo. As crianças progrediriam assim da fase do tempo vivido, caracterizada pela ausência de consciência do tempo para a fase do tempo percebido, quando elas já conseguiriam realizar o exercício de abstração das relações temporais, como acionar temporalidades em simultaneidade, realizando a transição entre percepção e concepção do tempo.

Para tal, o docente responsável por esta etapa de ensino precisa ter um olhar sensível para estas experiências, propiciar contextos ricos de aprendizagem e sobretudo pensar situações didáticas intencionais com vistas a desenvolver estas habilidades com as crianças. Agradecemos a parceria estabelecida entre a gestão da escola, todos os funcionários que estavam envolvidos na condução das atividades realizadas como também creditamos grande parte do sucesso de nosso projeto a docente da turma do Infantil II B à época, prof.<sup>a</sup> Francielly Falcão. Através de sua gentil acolhida, pude aprender por meio de sua prática as especificidades da docência na educação infantil, a importância da ludicidade para a elaboração de propostas nesta etapa e sobretudo que para lecionar para crianças é preciso acionar diversificados saberes.

Na perspectiva da nossa intervenção, os resultados alcançados são indicativos dos primeiros passos de um pensamento histórico, sustentados no olhar dos pesquisadores para o fenômeno investigado e no percurso da experiência de campo de que há conceitos imprescindíveis para a construção do conhecimento histórico como o Tempo, espaço e ação dos sujeitos que podem, e precisam ser sistematizados com um trabalho pedagógico intencional desde a etapa da educação infantil.

## 6. Referências

**Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns. v. 6, set. 2021.**  
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE)  
<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>

AZEVEDO, Patrícia Bastos de. **Práticas de letramento na história ensinada**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH. São Paulo, jul-2011.

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDIOLI, Anna (Org.). **O tempo no cotidiano infantil**: perspectivas de pesquisa e estudo de casos. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

COOPER, Hilary. **Didáctica de la historia en la educación infantil y primaria**. Ediciones Morata, 2002.

COOPER, Hilary. **Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos**. Educar, Curitiba, Especial. Editora UFPR, p. 171-190, 2006.

COOPER, Hilary. **Ensino de história na educação infantil e anos iniciais**: um guia para professores. Curitiba: Base, 2012.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1999.

FONSECA, M. A. da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 2003.

FREITAS, Itamar. **Fundamentos Teórico- Metodológicos para o ensino de história** (anos iniciais). São Cristóvão: Editora da UFS, 2010.

HARTOG, François. **Tempo e história**: “Como escrever a história da França hoje?”. Revista de história social. Campinas- SP, 1996. Nº3. p.127-154.

HARTOG, François. **Tempo, história e a escrita da história**: A ordem do tempo. Tradução do prof. dr. Francisco Murari Pires. Revista de História 148 (1º- 2003) p. 09- 34.

HARTOG, François. **A história entre tempos**: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. História: questões e debates, Curitiba, n. 53, p. 229-257. Editora UFPR, jul/dez. 2010.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Trad. de Gilda Aquino. São Paulo: Brinque-book, 1995.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

LOBATO, Monteiro. **O museu da Emília**. Adaptação em prosa de Flávio de Souza. Ilustrações de Carlo Geovani. 1º ed. São Paulo: FTD, 2013.

MORAES, Vinicius. **A arca de noé**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994, Tomo I.

ROCHA, Ruth. **De hora em hora...** ilustração de Helena Alexandrino. 3º ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998. Coleção hora dos sonhos.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

VAZ, Aline Tabosa. **A visão de Santo Agostinho sobre o tempo**. Monografia UFMT. Cuiabá, 2009.

VILLELA, Bia. **Era uma vez um gato xadrez**. 2º ed. São Paulo: Escala Educacional, 2006. Coleção sim.